


FLORES

que
crescem
no

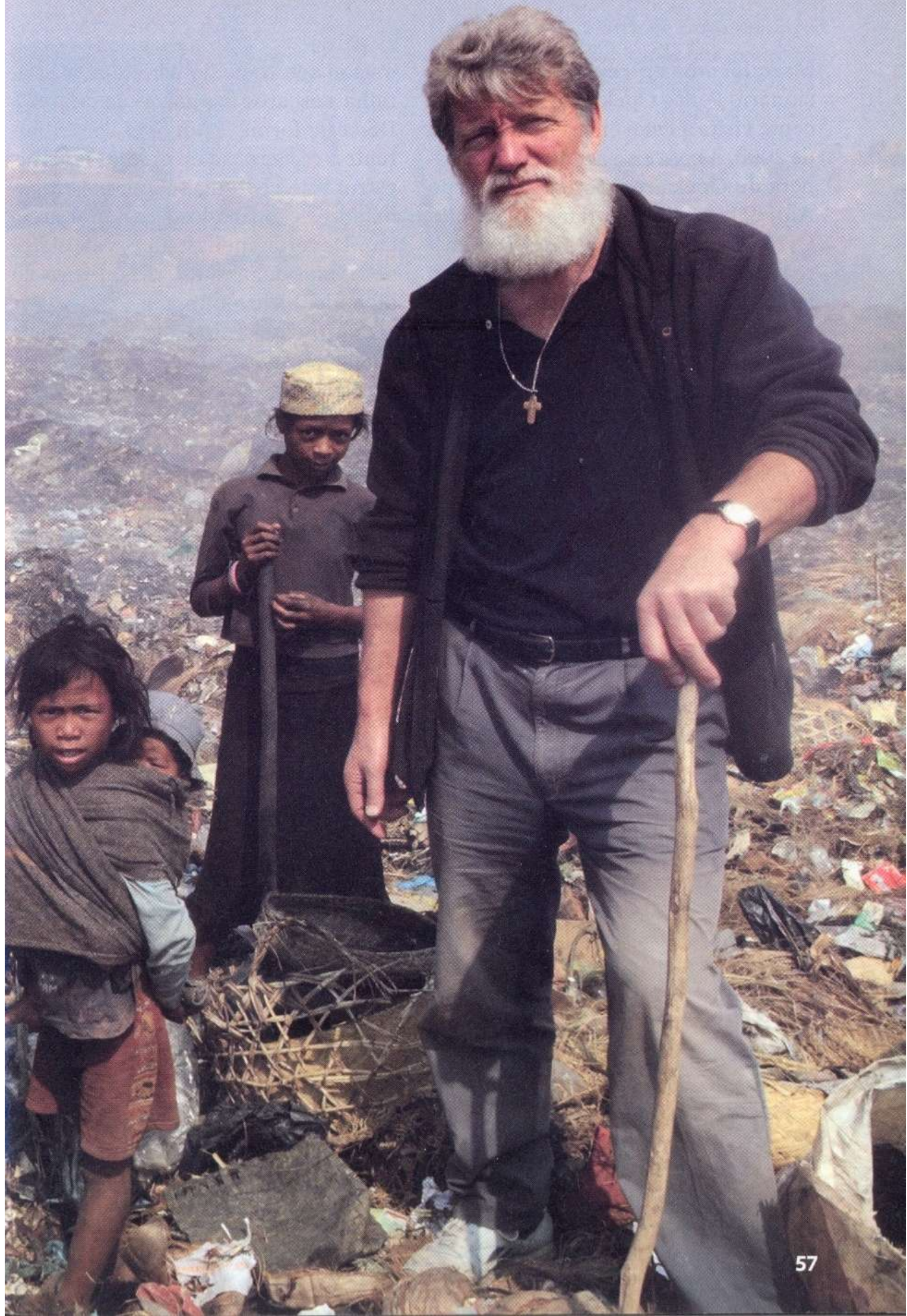
LIXO

POR VIDA VOGLAR

A photograph of two women standing in a vast landfill. The woman on the left is wearing a dark beanie, a striped sweater, and a blue cloth tied around her waist. The woman on the right is wearing a dark beanie and a striped top. The ground is covered in a sea of trash, including plastic bags, cardboard, and other debris. The background shows a hazy, overcast sky.

Nascido na Argentina de pais
eslovenos, o missionário lazarista
Pedro Opeka luta para assegurar uma
vida decente para os pobres de
Antananarivo, capital de Madagascar

FOTOGRAFADO POR STANE KERIN



Marquei uma entrevista com o missionário Pedro Opeka durante sua recente visita à Eslovênia, em dezembro de 2008. A conversa aconteceu na véspera de Opeka receber, do arcebispo Alojz Uran, de Liubliana, o Prêmio Cyril Methodius pelas excepcionais realizações de sua obra missionária, humanitária e educativa.

Tenho de admitir que estava nervosíssima por causa do respeito que sinto por esse grande homem. Toquei a campainha e fiquei paralisada quando Pedro Opeka abriu a porta pessoalmente e disse: “Ah, a senhora foi pontual. Isso é ótimo... e raro!”

Quando fitei esse esloveno alegre e gentil, de lindos olhos azuis, a ansiedade se foi, mas a admiração ficou ainda mais intensa. Tenho de admitir que eu morreria de vergonha caso me atrasasse para a entrevista com o homem que salvou milhares de crianças nos depósitos de lixo de Madagascar e cujas realizações costumam ser comparadas às de Madre Teresa.

O missionário Pedro Opeka nasceu em 29 de julho de 1948, na cidade de San Martín, nos arredores de Buenos Aires. Quando menino, aprendeu com o pai o ofício de pedreiro

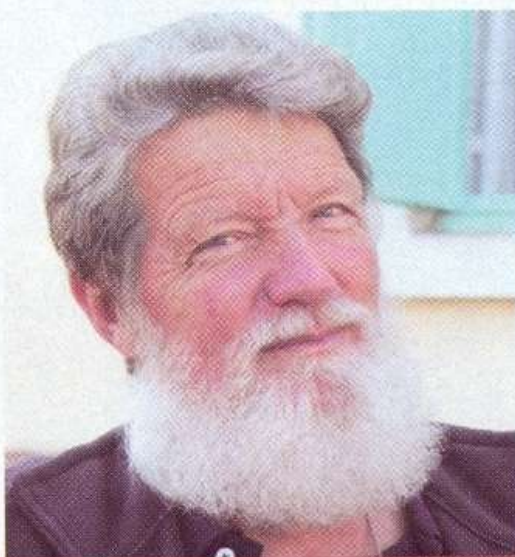
e usou seu trabalho para ajudar a família a escapar das garras da pobreza. De certa forma, é um operário; e, durante a construção de prédios e outras estruturas, costuma se unir aos trabalhadores e ensiná-los a peneirar areia etc. Deveria apenas supervisionar a obra, mas acha muito difícil ficar só olhando. Ele é assim.

Pedro Opeka tinha apenas 15 anos quando decidiu se tornar padre; entrou para o seminário lazarista, mas diz que também queria ser jogador profissional de futebol. Fico curiosa: como seria possível juntar sacerdócio e futebol?

“Quando era adolescente e decidi ser padre, fiquei me perguntando como poderia me relacionar com as pessoas.

Em Buenos Aires, encontramos quase todo mundo nos campos de futebol; há vinte deles na cidade. Entre 5 mil e 100 mil fãs assistem a cada jogo. Queria me aproximar de toda essa gente, por isso resolvi ser um padre jogador de futebol. Mas meus supervisores na época disseram que era impossível. Talvez hoje a situação seja diferente.

Embora o sonho de Opeka de se tornar jogador profissional não tenha se realizado, ele ainda fazia as coisas a seu modo e continuou jogando. E era assim que entrava em con-



Em 2007, Pedro Opeka recebeu a Ordem Nacional da Legião de Honra da França. Em dezembro de 2008, recebeu o prêmio da Fundação São Mateus, na categoria “Solidariedade e desenvolvimento”. É o único esloveno a ter sido candidato ao Prêmio Nobel da Paz.

Bairro de casas de tijolo habitadas por quem, há pouco tempo, morava no depósito de lixo.



Os números do sucesso da Akamasoa

A Akamasoa construiu cinco centros de recepção compostos de 17 aldeias. Cerca de 3 mil famílias, ou 19 mil pessoas, moram nas aldeias. Mais de três quartos dos moradores são crianças, jovens, idosos ou deficientes. As mulheres constituem 60% dos poucos capazes de trabalhar. Muitas são viúvas ou foram abandonadas pelos maridos, e hoje têm de cuidar sozinhas dos filhos. Há dez escolas com 9.500 alunos na Akamasoa.

O número aumenta todo ano. Entre 60 e 80 crianças famintas de conhecimento se aglomeram numa única sala de aula.

Mais de 70 escolas elementares foram construídas em Madagascar com a ajuda da Akamasoa. Só em Antananarivo, quatro postos médicos e um hospital são administrados

pela entidade. Embora a Akamasoa só empregasse sete médicos em 2007, todo ano são 30 mil a 40 mil consultas.



tato com o povo, principalmente as pessoas mais pobres e simples, que mais lhe importavam. Quando foi ordenado em 1975 e nomeado bispo da aldeia de Vangaindrano, no sudoeste de Madagascar, o futebol se tornou o seu meio de comunicação com os aldeões, pois naquele tempo não falava malgaxe.

Em 1989, ele foi nomeado diretor do seminário lazarista de Antananarivo,



A flor do lixo

Os jovens das aldeias construídas pela Akamasoa são a maior prova de que qualquer um pode ter sucesso na vida, quaisquer

que sejam as condições em que tenha nascido. É importante estender a mão amiga aos outros e servir de modelo, o que fazem todos os que trabalham na Akamasoa.

Lydia Tojoniana, apelidada de Tojo, foi a primeira criança que Pedro Opeka conheceu no depósito de lixo, há vinte anos. Tinha 9 anos na época. A menina pobre era o símbolo da esperança trazida pela Akamasoa. Sedenta de conhecimentos, inteligente e trabalhadora, aproveitou todas as oportunidades que lhe foram oferecidas.

Depois do ensino médio, estudou para tornar-se professora e transmitir conhecimentos e experiência às crianças da Akamasoa, nascidas na mesma pobreza que ela. Hoje, a bela e inteligente Tojo continua sua educação em Paris, cidade do amor e da cultura, tão diferente do poeirento depósito de lixo de Anatarico, em Madagascar, onde nasceu.

capital de Madagascar. Naquela época, mais de 100 mil pessoas moravam no depósito de lixo da cidade, em barracos improvisados feitos de madeira e plástico, sustentados por estacas. Reviravam o depósito atrás de comida e de objetos que pudessem vender. Todos eram macilentos e tinham de disputar a comida com os cães de rua. O padre Opeka ficou muito comovido com tamanha pobreza. Em 1990, fundou a Associação Akamasoa. Até o nome da entidade revela muito a seu respeito: significa “bons amigos”. Quando foi fundada, o governo de Madagascar doou terras à entidade. Então, com a ajuda de voluntários, Pedro Opeka começou a construir abrigos para os sem-teto. Pouca gente sabe que o Toyota Land Cruiser que Opeka usava para salvar as pessoas do lixo foi comprado com dinheiro doado pelos eslovenos.

Quando Opeka começou a ajudar os sem-teto, um amigo lhe disse que seria impossível viver mais de dois anos com os pobres. No entanto, a Akamasoa atua há mais de vinte anos. Hoje, muitas crianças que nasceram praticamente no lixo têm diplomas universitários. Cada vez mais, elas arranjam emprego e concluem o ensino médio. E hoje muitos ensinam em escolas construídas pela Akamasoa e partilham seus conhecimentos com as novas gerações. As metas e ideias de Pedro Opeka vão muito além de apenas alimentar os pobres. Ele também quer lhes dar dignidade e ajudá-los a assumir o controle da vida. Da vida deles e de suas famílias.

Quando a Akamasoa foi fundada, muitos disseram que não cumpriria as



O padre Pedro Opeka gosta de jogar futebol com as crianças.

metas. Estavam errados: nada menos que 80% dos ex-sem-teto levam atualmente uma vida normal e digna. A Akamasoa não só lhes permite morar em casas e prédios de apartamentos como também emprega 3.500 pessoas. Seus funcionários ajudam as pessoas a conseguir emprego ou compram-lhes ferramentas e custeiam viagens caso prefiram voltar para as aldeias e viver da terra. Até agora, 1.350 famílias retornaram para o campo.

“Quando consegui fazer contato com essas pessoas, sugeri três coisas básicas, sem as quais o progresso é impossível: trabalho, educação e respeito às regras da comunidade”, diz Opeka.

No entanto, foi difícil conseguir isso em lugares onde predominavam a pobreza, a ignorância, o crime e a violência. Pedro Opeka, que conhece bem os

malgaxes, assim os descreveu: “Seu caráter é fatalista, e, a princípio, me disseram que nada podia ser feito. É o nosso destino. Vivemos no lixo, e nossos filhos viverão no lixo.” Mas esse lixo matava milhares de crianças por causa da falta de higiene e das doenças, resultado das péssimas condições de vida. Era por isso que Opeka e sua equipe tinham de convencê-los de que a vida podia mudar, de que aquele não era o seu destino.

O dia típico de Pedro Opeka e de seus colegas de trabalho é exaustivo e perigoso. Já foram roubados três vezes no decorrer das atividades. Certa vez, foram atacados por uma quadrilha de 18 ladrões armados.

Outra prova que levaria muitos a desistir aconteceu exatamente quando acabavam de construir uma aldeia com 158 casas. Naquela noite, um velho esqueceu uma vela acesa, que caiu sobre uma pilha de plástico. Todas as casas tinham telhado de palha e queimaram-se totalmente.

Há seis anos, Opeka e sua equipe enfrentaram um surto de cólera. No total, 248 pessoas adoeceram; 11 morreram.

“Na época, fiquei apavorado”, admite o padre Opeka. “Visitei os doentes para lhes dar coragem. Também enterrei os mortos. Fiquei junto deles.”

Os malgaxes que moram nas Aldeias de Esperança da Akamasoa chamam Pedro Opeka de “irmão” e “amigo”; afi-

nal, ele os procurou e os ajudou sem demonstrar superioridade. Entretanto, precisou de muito tempo e esforço para conquistar sua confiança.

“Não fui para Madagascar atrás de poder”, diz ele. “Fui para viver em irmandade e companheirismo. Principalmente, não fui para impor a cultura branca e ocidental; aprendi a língua e a cultura deles, o seu comportamento e a sua mentalidade. Eles sabem disso. Fico muito grato e feliz por perceberem por que vim para Madagascar e por sermos tão próximos hoje. Ainda temos muito trabalho a fazer antes que percebam o que é a verdadeira responsabilidade, por si mesmos e por suas famílias.”

SÓ POR UM SEGUNDO

Quando meu marido e eu nos mudamos para Nova York, adorávamos ficar passeando por Manhattan nos fins de semana. Certa vez, carregando muitos mapas e guias turísticos da cidade, experimentamos ir de carro em direção à Broadway.

Ao chegarmos, ficamos rodando um bom tempo, procurando um estacionamento ou uma vaga qualquer para parar o carro. Mas eram tantos cartazes e sinalizações de trânsito, que nos confundimos diversas vezes.

Entretanto, aparentemente nós não éramos as únicas pessoas que achavam aquelas instruções difíceis de entender! Em um dos lugares onde iríamos estacionar havia um aviso, colocado pela própria prefeitura da cidade. Bem no fim do quarteirão, em letras garrafais, a placa alertava:

“PROIBIDO ESTACIONAR. NEM POR CINCO MINUTOS, NEM POR TRINTA SEGUNDOS, NEM POR NADA!”

Tia Pratt, EUA

